

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

O trabalho de campo etnográfico como contribuição à extensão pesqueira e aquícola

Etnographic fieldwork as a contribuition to fisheries and aquaculture extension

Pâmela Melo Costa– Doutora em Antropologia (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará) e Engenheira de Pesca (Universidade Federal Rural da Amazônia). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará.

E-mail: pamela.melo@ifpa.edu.br

João Daniel Ferraz Santos - Mestre em Biologia Ambiental e Biólogo (Universidade Federal do Pará) Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará.

E-mail: daniel.ferraz@ifpa.edu.br

Osvaldo Teixeira Lopes Campos - Mestre em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia (Universidade Federal do Pará) e Licenciatura em Ciências Náuticas (Instituto Federal do Pará) Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Pará.

E-mail: osvaldo.lopes@ifpa.edu.br

Resumo

Com as crescentes preocupações com o meio ambiente impõem-se novos desafios de natureza teórico-metodológica aos trabalhos de campo no cenário pesqueiro e aquícola. Diante disto esta pesquisa objetiva traçar um paralelo com a ciência antropológica, com a escolha do método etnográfico para dar voz aos (as) pescadores(as) nos trabalhos de campo, à prioristicamente, às atividades de construções de ações e projetos para a Assistência Técnica e Extensão Pesqueira e Aquícola, pelos técnicos e técnicas extensionistas. Durante os anos de 2022 a 2024 ocorreram atividades de campo de visitas técnicas na região insular de Belém (Ilha de Mosqueiro, Baía do Sol) e Ilhas de Ananindeua (Ilha Sororoca, Ilha de João Pilatos; Comunidade Nova Esperança). Por meio do exercício de técnicas do método etnográfico foram realizadas observações *in situ* e escutas dos discursos destes(as) pescadores(as) sobre seus conhecimentos, saberes e fazeres, seus anseios, suas vontades e dando-nos a oportunidade de perceber que este caminho contribui para que os(as) técnicos(a) extensionistas apreendam os tecidos sociais e as reais demandas locais, além de se autorrefletir criticamente na prática da extensão pesqueira e aquícola possibilitando melhores compreensões da realidade das comunidades ribeirinhas e comunidades tradicionais contribuindo para a efetividade da representatividade destes e destas nos instrumentos legais da área da pesca e aquicultura.

Palavras-chave: Aquicultura; Pesca; Comunidade; Saberes

Abstract

With growing environmental concerns, new theoretical and methodological challenges are imposed on fieldwork in the fishing and aquaculture sector. Therefore, this research aims to draw a parallel with anthropological science, using the ethnographic method to give voice to fishermen and women in fieldwork, primarily focusing on the activities of developing actions and projects for Technical Assistance and Fisheries and Aquaculture Extension by extension technicians. During the years 2022 to 2024, fieldwork activities involving technical visits took place in the island region of Belém (Mosqueiro Island, Baía do Sol) and the islands of Ananindeua (Sororoca Island, João Pilatos Island; Nova Esperança Community). Through the application of ethnographic techniques, *in situ* observations and listening to the discourses of these fishermen and women regarding their knowledge, skills, practices, aspirations, and desires were carried out. This allowed us to perceive that this approach contributes to extension technicians understanding the social fabric and real local demands, as well as critically reflecting on the practice of fisheries and aquaculture extension, enabling better understandings of the reality of riverside and traditional communities, contributing to the effectiveness of their representation in the legal instruments of the fishing and aquaculture sector.

Keywords: Aquaculture; Fishing; Community; Knowledge

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

Introdução

A temática pesca, populações pesqueiras, bem como os recursos pesqueiros, faz parte de um complexo abrangente de discussões reflexivas acerca dos cenários rurais. Com diversas abordagens, pensar em pesca ou em atividade pesqueira, sobre o ethos do pescador e pescadora, nos traz questões referentes a tipos, modos, maneiras, costumes, crenças, divisão sexual do trabalho e um aspecto inerente que envolve o pescador artesanal, a sua inclusão a uma sociedade mais ampla.

Em se tratando das comunidades ribeirinhas e/ou comunidades tradicionais, povos/populações tradicionais, temos que são termos comumente utilizados para designar os grupos sociais culturalmente diferenciados das sociedades urbanas – industriais (Hanazaki et al., 2010). Lista-se nesta categoria pescadores(as), ribeirinhos(as), extrativistas, os(as) indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, caiçaras, coletores da mangaba, dentre outros. De acordo com Pereira e Diegues (2010) é destacado como umas das características peculiares o uso e manejo dos recursos naturais, a partir de um desenvolvimento de atividades produtivas (pesca, caça, cultivo agrícola, criação de animais etc.), estabelecendo amplo domínio territorial, dos ciclos, tempos, climas, locais etc.

As comunidades tradicionais apresentam relação de usufruto direto com a natureza, estabelecendo aí uma dependência com o ambiente no qual estão inseridos(as) configurando uma modalidade de relação sociedade-natureza diferenciada das sociedades ocidentais (Diegues & Arruda, 2001). Estas comunidades tradicionais possuem atividades de baixo impacto ambiental e, portanto, que pode propiciar a conservação da diversidade biológica (Cunha & Almeida, 2000) e diante dos quadros de enfrentamentos à crise ambiental, o modo de vida, os saberes e conhecimentos destas populações têm sido vistos como importantes instrumentos para a conservação ambiental (Pereira & Diegues, 2010).

Estes saberes locais, conhecimentos tradicionais ou saberes ecológicos locais são um conjunto de conhecimentos advindos de crenças, usos e práticas repassados de geração em geração (Diegues, 2008) que envolvem o relacionar-se com a natureza local permeados de sentido sobre a vida, o meio ambiente, os seres vivos. (Toledo & Barrera-Bassol, 2009). Tais domínios locais são, na maioria das vezes, com baixa ou pouca instrução escolar, contudo não sendo invalidado esta forma de conhecimento (Elisabetsky, 2003), uma vez que decorrem no seu processo construtivo de experimentações, observações, refutações e validações tornando o que Lévi-Strauss (1989) denominara de “ciência do concreto”.

De acordo com as atuais circunstâncias de crescentes preocupações com o meio ambiente impõem-se novos desafios de natureza teórico-metodológica aos trabalhos de campo no cenário pesqueiro. Na ciência antropológica a pesquisa etnográfica pode ser utilizada para definir problemas que não foram previstos pela literatura existente e estão presentes no cenário social propiciando ao pesquisador desvelar importantes conhecimentos e realizar novas interpretações acerca de algum

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025
fenômeno vivido (Ataídes et al, 2021).

Angrosino (2009) comenta que a pesquisa etnográfica busca descrever um grupo social ou pessoas, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. É uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças apreendidos e compartilhados do grupo.

Cunha e Ribeiro (2010) considera a pesquisa etnográfica como uma estratégia de pesquisa em que o pesquisador se insere na realidade social a ser investigada, para estudar e compreender elementos intrínsecos e tácitos dessa sociedade, especialmente, a sua cultura. É um método de pesquisa que busca definir padrões previsíveis de comportamento de grupo, que se baseia no trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística (Angrosino, 2009).

Como primeiro passo metodológico o exercício de um olhar minucioso e treinado, ao que Geertz (1989) diz que o olhar treinado do investigador possibilita entender que as construções do mesmo são de segundo grau e feitas a partir das construções dadas dos atores membros das sociedades estudadas, não existindo outra realidade social para além daquela dos próprios membros do local.

Considerando que no ano de 2008 foi criada a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER e no ano de 2009 a Assistência Técnica e Extensão Pesqueira e Aquícola - ATEPA surgiu em consonância com os princípios e diretrizes da PNATER, estabelecendo, deste modo, uma referência ao atendimento pela Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER pública, às particularidades dos pescadores artesanais e aquicultores familiares.

Considerando ainda que contamos com o Decreto Lei Nº 2020 de 24 de janeiro de 2006 que dispõe sobre a política pesqueira e aquícola no estado do Pará e a Lei Ordinária Nº 6.713 de 25 de janeiro de 2005 que dispõem sobre a Política Pesqueira no Estado do Pará, que trata no Capítulo IX sobre o fomento e o desenvolvimento da pesca e da aquicultura no que se refere à seção III - da assistência técnica e extensão pesqueira e aquícola tendo como objetivos: “(...) II - prestar assistência técnica social, a ser executada mediante o uso de metodologias participativas” e “(...) III – melhorar a produtividade, a rentabilidade e a eficiência dos setores pesqueiro e aquícola, visando à sustentabilidade econômica, social e ambiental.”

Sabendo que a política de extensão pesqueira e aquícola no Brasil surgiu com a finalidade de apoiar o desenvolvimento do setor pesqueiro baseada nos argumentos de que possuímos uma imensa costa nacional, rica em pescados, que as comunidades pesqueiras artesanais se encontravam em total desamparo socioeconômico e sendo a extensão pesqueira e aquícola o serviço de acompanhamento, organização, discussão com as comunidades pesqueiras e aquícolas, que objetiva

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

o desenvolvimento integral, a melhoria da qualidade de vida destas comunidades, através de sua organização, articulação e geração de trabalho e renda.

Temos visto que a trajetória histórica da extensão pesqueira foi semelhante à da extensão rural ocorrida no país, sendo conduzida ao mesmo tratamento de intervenção metodológica, assim como pautada por políticas públicas descontínuas (Calou & Tauk-Santos, 2007). A postura de órgãos públicos das três esferas diante do setor pesqueiro artesanal é historicamente vista por uma mescla de autoritarismo e assistencialismo, em que a edição de instrumentos legais, a abertura de linhas de crédito, o apoio técnico às etapas produtivas e comerciais e o fomento à organização da produção não consideram os reais interesses e demandas dos pescadores artesanais, geralmente, relegados ao papel de meros espectadores dos processos que os envolvem e afetam seus interesses (Vasconcellos et al, 2007).

Diante disto esta pesquisa traz à tona a reflexão sobre os reais interesses de pescadores e pescadoras, de aquicultores e aquicultoras em especial de nível familiar. Traça-se um paralelo com a ciência antropológica, com a escolha do método etnográfico como possibilidade de treinar os olhares para a observação nos trabalhos de campo para assim poder apreender os tecidos sociais locais, bem como escutar estes atores da pesca e da aquicultura familiar à prioristicamente às atividades de construções de ações e de projetos pelos técnicos e técnicas extensionistas contribuindo para uma melhor compreensão da realidade das comunidades ribeirinhas e/ou tradicionais.

Neste sentido esta pesquisa vincula-se às práticas de campo com as atividades de visitas técnicas realizadas pelos docentes e discentes dos cursos técnicos em pesca e técnico em aquicultura como requisitos para o aprendizado da abordagem de observar, ouvir, sentir e descrever comunidades e pescadores(as) da região insular de Belém (Ilha de Mosqueiro, Baía do Sol) e Ilhas de Ananindeua (Ilha Sororoca, Ilha João Pilatos, Comunidade Nova Esperança).

2. Metodologia

Neste estudo contou-se com duas etapas para sua realização, a primeira sendo de construção de reflexões a partir de conteúdo das componentes curriculares de extensão pesqueira e aquícola, administração e legislação pesqueira ministrados nos cursos técnicos em pesca, técnico em aquicultura, levantamento bibliográfico e visualização de vídeos em sala de aula. A segunda etapa constando propriamente do treinamento de um trabalho de campo etnográfico por meio de visitas técnicas ao locus da pesquisa a região insular de Belém (Mosqueiro, Baía do Sol) no ano de 2023 e região das Ilhas de Ananindeua (Ilha de Sororoca, Ilha de João Pilatos, e comunidade de Nova Esperança) durante os anos de 2022 a 2024.

Efetuando as técnicas etnográficas de observação direta, escuta profunda, histórico oral local e a metodologia participativa por meio rodas de conversas buscou-se o treinamento do olhar do

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

futuro(a) pesquisador(a) e/ou futuro extensionista com a finalidade de observar a relevância da inter-relação da ciência antropológica para oportunizar a fala dos(as) pescadores(as) (sobre como se veem, o que anseiam na atividade pesqueira e como fazem suas práticas), além de estimular nos(as) discentes e nos(as) pescadores(as) locais a aproximação academia-comunidade ribeirinha. Para a realização destas atividades foram contactados previamente e obtidas as devidas permissões com autorização e consentimento livre e esclarecido (TCLE) dos e das pesquisadas.

3. Resultados e Discussão

Munidos de leituras sistematizadas e treinamentos sobre o “estar à campo” para entender o conceito de experiência próxima e experiência distante no que Geertz (1997) nos retrata foi feito o deslocamento para as comunidades ribeirinhas alvos do trabalho de campo etnográfico e observados aspectos como tipos de transportes, localização, tempo de percurso, estrutura do porto de desembarque, população que reside ao entorno, ecossistema, vegetação, clima, dentre outros aspectos e sobretudo os pescadores e pescadoras das localidades visitas.

Na visita técnica à Mosqueiro, região de Baía do Sol foi promovido um momento de roda de conversa na Colônia de Pescadores Z09, em que foram convidados os pescadores e pescadoras da localidade para a participação da atividade. Na ocasião foi comunicado que se sentissem à vontade para comentarem sobre como era ser pescador e pescadora naquele local, falar sobre seus anseios na atividade pesqueira e como a praticam. A partir disto muitas perguntas e respostas surgiram sobre o saber-fazer das atividades pesqueiras e aquícolas e onde muitos discentes que ainda não haviam tido o contato com pescadores e pescadoras puderam observar atentamente as autodescrições destes e destas.

Foram relatados sobre o histórico (figura 1) de permanência na região, em que foi identificado que muitos vêm de regiões do salgado paraense, que realizam a atividade pesqueira de modo artesanal voltado para consumo familiar e comercialização local. O mecanismo de repasse do conhecimento sendo exercido pela transmissão oral dos mais velhos aos mais novos. Foi relatado que anseiam ser mais bem atendidos pelas ações do estado para as melhorias na atividade pesqueira. Surgiram falas sobre a importância de incentivo para a captação de créditos financeiros aos empreendimentos e sobre a necessidade de cursos de capacitação para a pesca e aquicultura e ainda alguns pescadores puderam mostrar seus empreendimentos na área da aquicultura relatando sobre a necessidade de parcerias institucionais (figura 2).

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

Figura 1 (À esquerda): Histórico oral dos(as) pescadores(as) durante a roda de conversa

Figura 2 (À direita): Empreendimento de piscicultura em Baía do Sol, Mosqueiro.



Fonte: Atividades de campo ano 2023 e 2024

No que se refere às visitas às Ilhas de Ananindeua: Ilha de Sororoca, Comunidade Nova Esperança e Ilha de João Pilatos em visitas realizadas durante os anos de 2022 ao ano de 2024 ao que nos traz Geertz (1997) foram feitas a observação direta e escuta profunda, com o olhar atento e minucioso obtendo que os primeiros contatos com os pescadores e pescadoras ocorreram por meio de diálogos interativos entre docentes e discentes.

Notou-se que as populações locais estabelecem relações com o meio natural ao qual estão inseridas onde executam atividades ligadas ao acesso e uso do meio aquático por meio de cascos, canoas, nas quais se utilizam também para a prática da atividade pesqueira nas capturas de peixes e crustáceos, além da extração de recursos da floresta. Possuem nas suas áreas (terrenos, lotes) plantios, criações de animais, cultivos de peixes com a finalidade de consumo familiar, cultivo de hortaliças e ervas fitoterápicas, possuindo estas práticas como mantenedores das tradicionalidades herdadas de seus antepassados sendo obtidas e repassadas pela oralidade.

Os(as) pescadores(as) apresentaram as estruturas locais, os recursos naturais, as atividades produtivas. Ao que Ball (1990) nos fala sobre reflexividade no campo etnográfico esta relação que designa por reflexividade, "a condução do trabalho etnográfico depende, sobretudo, das competências do investigador para se relacionar com os outros".

Durante a apresentação da comunidade foi possível verificar in loco a captura de camarão regional e a fala dos(as) pescadores(as) de que antigamente capturavam muito mais e que hoje em dia existe uma diminuição de peixes e camarão, além da diminuição de tamanhos destes organismos, sendo a captura do camarão realizada com diferentes matapis, o regional e o pet (adaptados) como mostra a figura 3. Tal fato nos traz a inferência da necessidade de realização de pesquisas e ações no campo da dinâmica e avaliação de estoques pesqueiros, bem como de manejo participativo da pesca para a localidade (figura 4).

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

Figura 3: Captura do camarão regional com diferentes matapis na localidade



Fonte: Atividades de campo ano de 2022]

Figura 4: Camarão regional evidenciando os tamanhos e estágio reprodutivo



Fonte: Atividades de campo ano de 2022

Na visita à Comunidade de Nova Esperança os pescadores relataram que apresentam interesses nas atividades de piscicultura devido a diminuição drásticas das pescarias locais. Houve relatos sobre as dificuldades enfrentadas com relação a presença de pessoas de fora da comunidade e que estão vulneráveis aos assaltos, e gostariam de um melhor policiamento na localidade. Puderam mostrar sobre as atividades com hortas e áreas onde pretendem trabalhar com piscicultura familiar.

Nas Visitas à Ilha de João Pilatos foram comentados que a atividade pesqueira é voltada para comercialização em pequena escala e ao consumo familiar. As mulheres praticam as atividades de pescarias de camarão com utilização do matapi regional e pet (adaptado) como apetrecho. Foi relatado que as famílias sobrevivem de atividades ligadas ao uso dos recursos naturais, extração da pesca (peixes e camarão, com maiores comercializações para o peixe capturado), extração florestal (exploração do açaí), agricultura (cultivo de mandioca, prioritariamente) e algumas famílias possuem atividades remuneradas fora das Ilhas e trabalham em serviços domésticos, comércios, dentre outros no mercado infomal.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

Nas localidades visitadas foram comentados sobre as necessidades de capacitações com cursos, eventos educativos tendo sido apontados alguns dos quais gostariam que houvesse na região como: piscicultura, agricultura, meio ambiente, pesca, avicultura, manejo de açaí, fruticultura, apicultura, plantação, educação ambiental, reciclagem e granja. Durante os momentos de escuta dos pescadores e pescadoras foi manifestado o desejo de que ocorram mais atividades educativas dentro das Ilhas pois com isso não necessitará de deslocamentos aos centros urbanos locais e tais atividades contribuirão para o quesito de melhoria de qualidade de vida na região.

Considerações Finais

O método etnográfico tanto pela forma metodológica quanto epistemológica, busca um estudo de caso qualitativo que se centra num fenômeno ou situação, que se pretende a descrição densa possuindo riqueza por se ver holístico, em que percebe a realidade local em sua globalidade, por ser o menos construído, portanto o mais real, o mais aberto e o menos manipulável.

Reconhecer o caráter reflexivo da investigação social é o primeiro passo e o mais importante, onde o investigador passa a ser o instrumento de investigação por excelência, não havendo maneira, nem necessidade de escapar à realidade social para estudar, não se trata apenas de uma questão de compromisso metodológico, mas um fato existencial.

O trabalho de campo etnográfico proporciona ao(a) pesquisador(a) fazer uma imersão nas realidades pesqueiras com a finalidade de observar e interagir com os(as) pescadores(as) para compreender e elucidar as suas práticas, saberes-fazeres e culturas e isto auxilia às confecções de futuras ações nas localidades pesqueiras e aquícolas uma vez que possibilita a aproximação do pesquisador com o pesquisado.

O trabalho de campo etnográfico pode ser utilizado para identificar problemas que não foram previstos pela literatura existente. Se tornando importante ferramenta para desenvolver à prioristicamente às construções de ações e projetos pelos extensionistas. Esta metodologia se apresenta para o cenário pesqueiro e aquícola como um desvelar de valiosos conhecimentos e possibilita novas interpretações a partir dos pesquisados sobre a real cultura local.

O método etnográfico propõe a capacidade reflexiva por antecipação ou em retrospectiva permite o distanciamento necessário em observar as nossas atividades de fora como objetos do mundo, tornando-nos objetos de nós próprios e observadores dos comportamentos alheios, com compromisso. E em se referindo à assistência técnica e extensão pesqueiras e aquícolas o trabalho de campo etnográfico proporciona ecoar a voz dos pescadores e pescadoras nos instrumentos de políticas públicas de tornando-se mais efetiva.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

Referências

- ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, Anair Araújo de Freitas. *A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa*. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 48, p. 133–147, 2021.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BALL, Stephen. *Self-doubt and soft data: social and technical trajectories in ethnographic fieldwork*. Qualitative Studies in Education, v. 3, n. 2, p. 157–171, 1990.
- BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Pesqueira e Aquícola*. Brasília: SEAP/PR, 2008.
- CALLOU, A. B. F.; TAUK-SANTOS, M. S. *Extensão pesqueira e gestão no desenvolvimento local*. In: CALLOU, A. B. F. (org.). *Extensão pesqueira: desafios contemporâneos*. Recife: Bagaço, 2007. p. 223–236.
- CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro W. B. *Indigenous people, traditional people, and conservation in the Amazon*. Daedalus, v. 129, n. 2, p. 315–338, 2000.
- CUNHA, J. A. C.; RIBEIRO, E. M. S. *A etnografia como estratégia de pesquisa interdisciplinar para estudos organizacionais*. Qualitas Revista Eletrônica, Campina Grande, 2010.
- DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, R. S. V. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- ELISABETSKY, E. *Etnofarmacologia*. Ciência e Cultura, v. 55, n. 3, p. 35–36, 2003.
- FURTADO, Luiz Gonzaga. *Características gerais dos problemas da pesca amazônica no Pará*. Belém: Museu Goeldi; CNPq, 1990.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. *Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009*. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.
- HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. *Ethnography: principles in practice*. London; New York: Routledge, 1983.
- HANAZAKI, Natalia et al. *Conservação biológica e valorização sociocultural: explorando conexões entre a biodiversidade e a biodiversidade*. In: ALVES, Angelo G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. (org.). *Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Recife: NUPEEA, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.
- PEREIRA, B. E.; DIEGUES, Antonio Carlos. *Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 22, p. 37–50, 2010.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 27/12/2025 | aceito: 29/12/2025 | publicação: 31/12/2025

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso A. *Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31–45, 2009.

VASCONCELOS, M.; DIEGUES, Antonio Carlos; SALES, R. R. *Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira*. In: COSTA, A. L. (org.). *Nas redes da pesca artesanal*. Brasília, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pescadores e pescadoras das comunidades ribeirinhas e pesqueiras das Ilhas de Mosqueiro e das Ilhas de Ananindeua por se disponibilizarem a participar das atividades de visitas técnicas de campo.